
PENSANDO A NAÇÃO A PARTIR DA LITERATURA: REGIONAL E NACIONAL EM JOÃO SIMÕES LOPES NETO

THINKING THE NATION FROM THE LITERATURE: REGIONAL AND NATIONAL IN JOÃO SIMÕES LOPES NETO

Aline Carvalho Porto.
Mestranda em História PPGH - PUCRS.
alineporto2@gmail.com

RESUMO: O presente artigo visa tratar, de forma sintética, sobre a atuação nacionalista do escritor pelotense João Simões Lopes Neto versando sobre suas *Conferências Cívicas*, proferidas nos anos de 1904 e 1906 em Pelotas e outras cidades do Rio Grande do Sul, e seu livro de leitura *Terra Gaúcha*, publicado somente em 2013. Com isso, pretende demonstrar que apesar do autor ser tratado como o maior regionalista gaúcho ele também estava preocupado com a nação e trabalhou de forma efetiva para que se refletisse sobre ela.

PALAVRAS-CHAVE: João Simões Lopes Neto, *Conferências Cívicas*, nacionalismo.

ABSTRACT: In a summarized way, this paper discusses the nationalist performance of the writer João Simões Lopes Neto, from Pelotas. *Conferências Cívicas*, spoken in the years 1904 and 1906 in Pelotas and in other cities of Rio Grande do Sul, and his book *Terra Gaúcha*, only published in 2013 are the works discussed. With this in mind, we intended to demonstrate that, despite the author being treated as the greatest gaúcho regionalist he was also very concerned about the nation.

KEYWORDS: João Simões Lopes Neto, *Conferências Cívicas*, nationalism.

Introdução

Para iniciar o artigo, vale ressaltar aqui, que ele se trata de uma reflexão acerca de uma pesquisa de mestrado ainda em fase de desenvolvimento e conclusão. Dessa maneira, não quero aqui encerrar o assunto e nem propor conclusões; somente pretendo levantar a discussão sobre a atuação nacionalista de João Simões Lopes Neto, para isso, devemos levar em conta a literatura brasileira.

Desde o período que o Brasil ainda era um Império a literatura brasileira já se preocupava com a questão nacional. José de Alencar foi um dos principais autores que se

preocupou de forma efetiva em fazer da literatura uma das bases do pensamento nacional, como podemos perceber no prefácio de *Sonhos d'ouro* (1872) (*apud* CHAVES, 1988, p.16):

[...] a literatura nacional outra coisa não é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; cada dia se enriquece ao contato com outros povos e ao influxo da civilização.

Assim, podemos perceber que Alencar acreditava que a literatura era a "alma da pátria", e que esta literatura brasileira estava dividida em três fases: a primeira seria aquela constituída pelas lendas e mitos da terra selvagem, chamada de *primitiva* e inclui os romances indianistas como *Iracema* (1865). A segunda fase seria a *histórica*, onde estão presentes os laços entre o povo nativo e o "conquistador" em solo brasileiro, onde podemos encontrar, como exemplos, *As Minas de Prata* (vol.I,1865 - vol.II, 1866) e *O Guarani* (1857). Por fim, a última etapa iniciada com a Independência, prioriza a cor local e o resgate do passado, como o caso de *O Gaúcho* (1870). Dessa forma, Alencar criou todo um panorama para a nacionalidade, seguido pelo movimento romântico na literatura, que vem desde os tempos primitivos com os primeiros habitantes desta terra: os indígenas, suas lendas, mitos, hábitos e tradições; mais adiante a sua "interação" com o "conquistador" português e, também, algum tempo depois, com outros povos imigrantes. Por fim, dessa mistura toda resultaram os vários tipos regionais que formam a totalidade da nação.

Nessa perspectiva de que a regionalidade é parte integrante do grande todo nacional é que João Simões Lopes criou sua literatura. E, esse artigo visa tratar da literatura como um ponto de partida para pensar a questão nacional no Brasil. Para tal, trabalharei em primeiro plano com as *Conferências Cívicas* proferidas em Pelotas e outras cidades do Rio Grande do Sul nos anos de 1904 e 1906; além de tratar, de forma bem sintética, do livro de leitura elaborado a partir dessas conferências e publicado somente em 2013 o intitulado *Terra Gaúcha*. Minha intenção é compreender essa motivação nacionalista de João Simões Lopes Neto e suas preocupações com a falta de educação cívica na nação; além de propor uma outra perspectiva sobre o autor hoje tratado como o maior regionalista gaúcho, o que o coloca em uma posição periférica e isolada, o que, no entanto, não se consolida ao analisarmos sua obra.

Definindo a Nação

Definir o conceito de nação não é uma tarefa simples, tal conceito vem sendo discutido por diversos intelectuais, de diversas áreas, há muito tempo. Teorias e conceitos que se repelem e se complementam, mas nenhum deles pode dar uma resposta definitiva para a pergunta: o que é uma nação?

Por isso, a primeira coisa que devemos levar em conta quando se pensa o conceito de nação é o fato de ele não ser algo concreto, imutável. Cabe salientar aqui que a nação é um plebiscito de todos os dias, como nos diz Renan (2011, p.43), dessa maneira, ela é construída, pensada e repensada sempre e se modifica de acordo com os diferentes lugares, sociedades, tempos e etc. Essa ideia de mudança diária reforça o pensamento de que a nação não é algo estático, dado e imune às mudanças.

Mas nós, como historiadores, precisamos utilizar conceitos e teorias para fundamentar e dar rigor científico ao nosso trabalho. Claro que, no caso do conceito de nação, devemos sempre ressaltar que, como já foi dito, não é algo concreto que se possa utilizar sem critério, apenas como modelo explicativo. Devemos utilizar os teóricos e suas definições que acreditamos serem as mais adequadas para o caso que estamos analisando. E, essa análise deve ter o cuidado para não criar e nem compactuar com supostas "verdades" sobre a determinada nação que estamos trabalhando e as demais. Esse cuidado é de extrema importância para não fornecer material que possa gerar um movimento, por exemplo, xenofóbico.

Patrick J. Geary em *O Mito das Nações: A Invenção do Nacionalismo* (2008) alerta, refletindo sobre o caso europeu, sobre a utilização da História para formar a nação, ou seja, o uso da História como fomento para o nacionalismo. Geary (2008, p.21) diz, sobre a ética na História que:

"Ninguém deverá ser ingênuo a ponto de esperar que uma compreensão mais clara da formação dos povos europeus abrange as tensões nacionalistas ou contenha o ódio ou o derramamento de sangue que estas continuam a provocar. Na melhor das hipóteses, poder-se-á ter a esperança de que as pessoas solicitadas a ajudar na atualização das exigências baseadas nessa apropriação de história – seja na Europa, seja no Médio Oriente ou noutra parte do mundo – sejam mais cépticas em relação às mesmas. Falhando tudo isso,

mesmo tendo a certeza que serão ignorados, os historiadores têm o dever de dizer a verdade."

Essas ponderações sobre a ética na História devem ser levadas em conta quando falamos sobre a nação, os historiadores ao serem chamados pela sociedade para refletir a nação e os nacionalismos não devem hesitar. Devem contribuir de forma lúcida e, como diz Geary, dizer a "verdade" mesmo correndo o risco de sermos ignorados pela sociedade, mas jamais devemos compactuar com determinadas "visões distorcidas" da História. Para isso, precisamos lembrar de mais uma colocação muito importante que nos faz Renan (2011, p. 33) "[...] a nação consiste no facto de todos os indivíduos terem muitas coisas em comum, e também terem esquecido muitas outras. [...]". Esse fato de os indivíduos terem muitas coisas em comum é amplamente debatido por muitos autores; seria aquele corpo coeso que dá sentido a nação e um sentimento de pertencimento como por exemplo: a língua; mas o fato de levarmos em conta que muitas coisas foram esquecidas em detrimento da nação é algo de extrema relevância quando se trabalha sobre o tema. E será tratada com maior atenção no decorrer do texto.

Portanto, para o caso que pretendemos discutir aqui, o conceito de nação como uma comunidade imaginada, de Benedict Anderson (2008), se mostra como pertinente base para essa reflexão. Apesar das críticas¹ que Anderson vem sofrendo ao longo dos anos, desde a primeira publicação de sua obra 1983, para esse trabalho o que nos interessa dessa definição de Anderson é a ideia central da nação como uma comunidade imaginada com base nas suas raízes culturais. Para Anderson (2008, p.32) a nação é "uma comunidade política – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo soberana", ou seja, ela é imaginada pela ideia de livre comunhão entre seus membros – mesmo que estes nunca se encontrem –, ela é limitada porque apensar de suas fronteiras elásticas com outras nações "nenhuma delas imagina ter a extensão da humanidade" (ANDERSON, 2008, p.33-34) e, por último, ela é soberana porque não depende de um reino dinástico ou de uma ordem religiosa. Segundo a perspectiva de Anderson, a nação ao ser imaginada é modelada, adaptada e transformada e os nacionalismos são produtos culturais específicos. Pensamos a Literatura

¹ Ver LOMMITZ, C. Nacionalismo como um sistema prático. A Teoria de Benedict Anderson da perspectiva da América Hispânica. In: *Novos Estudos do CEBRAP*, n. 59, março de 2001, pp.37-61.

aqui, como um desses produtos culturais específicos que darão aquela ideia de corpo coeso da nação e também da região como parte dela.

Para aprofundarmos nossos estudos, devemos agora refletir em torno do autor escolhido aqui, João Simões Lopes Neto, e como a nacionalidade se faz presente em seu discurso.

João Simões Lopes Neto: Um escritor "regionalmente nacional"

João Simões Lopes Neto nasceu em Pelotas em 09 de março de 1865. Viveu durante toda a sua infância na Estância da Graça, propriedade de seu avô paterno Visconde da Graça. Na adolescência foi estudar no Rio de Janeiro, onde pôde ter contato com o que havia de mais moderno no país. Estima-se que ele tenha ido para a Capital do Império em 1878, dessa forma pôde ver de perto a efervescente política gestando a República e a Abolição dos Escravos no Brasil. No ano de 1882, João Simões Lopes Neto regressa a sua cidade natal onde permaneceu até a sua morte. Dedicou-se, ao longo de toda sua vida, as mais diversificadas atividades profissionais: foi colaborador para alguns jornais da cidade, escreveu para o teatro, foi empresário, comerciante, trabalhou em cartório, entre outras atividades. Porém, ao dedicar-se a Literatura, mesmo que de forma despreocupada², criou uma obra sólida, de qualidade incomparável, que somente alguns anos após a sua morte o transformou em um dos maiores autores regionalistas e em um cânone da Literatura Gaúcha.

De fato, João Simões teve uma vida de equívocos e contradições. Em 1894, foi nomeado Tenente da Guarda Nacional, porém, mesmo sendo promovido, tempos depois à Capitão, sabe-se que ele nunca entrou em combate e, inclusive, por esse motivo, pediu licença para tratar de negócios. Também fundou a Academia de Letras do Rio Grande do Sul, sem ao menos ter um livro publicado, bem como ajudou a fundar a Sociedade Agrícola e Pastoril na cidade de Pelotas, sem ter um palmo de campo. (SCHLEE, 2010, p.41)

João Simões morreu em 14 de junho de 1916 em Pelotas, portanto, passou a vida investindo em negócios que fracassariam por diversos fatores. Entre seus contemporâneos,

² Digo "de forma despreocupada" porque nosso autor não tinha intenções de ser um grande escritor de livros. A maioria de sua obra já havia sido publicada nos jornais da cidade, alguns livros foram editados por insistência de uns amigos. Somente no fim da vida é que ele se dedicou de forma mais efetiva à Literatura.

por esse motivo, foi tratado como um lunático e sonhador, que colocou toda a sua incalculável fortuna fora com descabidos negócios. Ao repassarmos de forma bem sintética sua vida nestas páginas, podemos notar que ele não foi tão lunático assim e nem colocou toda uma incalculável fortuna fora, porque tal fortuna nunca existiu. Mas o que nos resta, a partir do reconhecimento do seu valor literário que leva aos estudos de sua vida e obra, é uma visão quase dramática de sua trajetória, solidificada nas biografias que mostram esta contradição do homem fracassado na vida financeira e glorioso na produção literária. Hoje se reconhece o valor de sua literatura. Hoje João Simões é considerado o maior escritor regionalista, aquele que mostrou o gaúcho como nenhum outro autor, tirando-o da condição de herói ou bandido, para dar-lhe um significado humano, que o imortalizaria e o tornaria uma referência universal.

Mas, o que nos interessa nesse artigo de forma especial são as menos conhecidas e menos citadas conferências que proferiu em 1904 e 1906 antes mesmo de publicar pela primeira vez nos jornais da cidade algumas de suas obras mais importantes. A primeira conferência intitulada *Educação Cívica – Terra Gaúcha (apresentação de um livro)*, foi proferida na Biblioteca Pública Pelotense em 17 de julho de 1904. De acordo com Diniz (2003, p.123)

[...] Nessa conferência, Simões preconiza o triunfo do escritor brasileiro, que, vencendo o dificultoso problema de fazer um livro de leitura primária – à maneira de *O Coração*, de D’Amicis – bem rescrito e patriótico, lograsse adaptar a ideia ao nosso meio, sem as infiltrações dos hábitos e paisagens que não temos. Chamando a si essa tarefa de escritor e educador, externou sua aspiração pessoal de fazer ele mesmo, “*um livro simples, saudável, cantante, de alegria e caricioso, que os homens rindo da sua singeleza o estimassem; que fosse amado pelas crianças, que nele, com a sua ingênua avidez, fossem bebendo as gotas que se transformassem mais tarde em torrente alterosa de civismo*”; livro que “*pudesse condensar o coração meigo, valente e virtuoso da mãe brasileira; a serenidade dos nossos heróis, a independência e firmeza dos nossos maiores, a probidade dos nossos estadistas*”; um livro vibrante, que pudesse “*ressaltar a terra, o povo, a pátria*”; livro “*das pelezas nunca perdidas*”, assinalado por muitos traços de generosidade. “*Era um livro assim*” – diria João Simões – “*em que se concretizasse a tradição, a história, o ensinamento cívico e as aspirações pátrias, que eu dedicaria, mais vibrante hausto da minha pobre vida, à terra rio-grandense, mãe de raça forte, túmulo de ossadas veneradas, berço de incomedido patriotismo. Um livro que vivesse nos ranchos das margens do Uruguai e no palácio das plagas do oceano; e que das suas páginas simples e sinceras fulgisse nítida e vivaz, amorosa, exemplificadora e saudosa a plaga dos pampas, o berço dos Farrapos, a Terra Gaúcha...!*”

Tal conferência foi reapresentada, com modificações em 1906, para vermos melhor o caso é interessante a colocação de Carlos Reverbel (1981)

[...] em 1904, ele [Simões Lopes Neto] pronunciaria, na Biblioteca Pública Pelotense, a sua conferência sobre "Educação Cívica", repetindo-a em 1906, com modificações, no mesmo estabelecimento de sua cidade e ainda em Porto Alegre, Bagé, São Gabriel, Santa Maria e Rio Grande. Com atividades, cujos arroubos patrióticos desaguavam não raro na exaltação ufanista, o Capitão João Simões antecipou em mais de dez anos, dentro do Rio Grande do Sul, a campanha cívica empreendida em 1916 por Olavo Bilac, já então em âmbito nacional.

Notamos então, com essas duas conferências, que João Simões Lopes Neto também foi um nacionalista militante e estava preocupado com a falta de educação cívica em seu país porém, além de criticar, ele mesmo tomou para si a responsabilidade de mudar o quadro, como podemos notar na primeira citação referente as conferências, ele queria criar um livro, assim como o de Eduardo D'Amicis (Cuore), que fosse capaz de ascender essa chama nacionalista nas crianças e em seus familiares, ao mesmo tempo que tratasse de sua terra natal, a Terra Gaúcha.

Esse seria o nome de seu livro de leituras, realizado, porém inacabado, que ficou por muito anos, mais de cem, perdido entre o seu acervo. No ano de 2013 com incentivo do Ministério da Cultura e organização do professor Luís Augusto Fischer tal livro foi publicado em uma edição conjunta com outro, também inédito, intitulado *Artinha de Leitura*. Esse último trata-se de uma cartilha escolar que foi submetida ao Conselho de Instrução Pública em 1908, no entanto, foi rejeitado por estar em desacordo com o Regulamento da Instrução Pública no que diz respeito ao ensino. Na verdade, ele foi negado porque João Simões fez uma espécie de reforma ortográfica, o que de acordo com ele, facilitaria a leitura. Ambos os livros faziam parte de uma série chamada Brasileira; o mesmo nome de uma Coleção de Cartões Postais, também realizada por ele com temas nacionais, que não teve mais que duas séries, pois era demasiado custoso. Assim podemos notar que nosso escritor, apesar de ser tratado como um dos maiores regionalistas também teve seus arroubos patrióticos e trabalhou para levá-los adiante. Essas primeiras experiências com o mundo do ensino e da leitura vão anteceder e, certamente somando a todas as experiências de sua trajetória, vão abrir caminho

para a realização de suas maiores obras *Contos Gauchescos* (1912) e *Lendas do Sul* (1913), podemos contar aqui também, a obra póstuma, *Casos do Romualdo*.

Apesar de tratar do gaúcho, ao criar Blau Nunes (*Contos Gauchescos – 1912*) de forma tão especial e inovadora, dando voz à ele e mudando com isso todo o modo de se escrever a literatura gauchesca, foi ele também um nacionalista, um idealista de uma pátria mais unida e civicamente educada. Essa estrutura é fundamental para que se compreenda como ele pensava, onde circulavam suas ideias e de que forma ele lidava com tudo isso. A desesperada vontade de estar entre os industriais, de criar indústrias novas foi fruto de um processo de industrialização de sua cidade natal após a queda das charqueadas. João Simões Lopes Neto foi um homem de seu tempo, um pensador, um intelectual de sua época e, ao dizer isso, vale citar aqui Franklin L. Baumer (1990, vol. I, p.23) sobre os intelectuais e a importância de percebermos suas ideias:

[...] o intelectual é capaz de, por meio de um ensaio, uma peça, um poema ou uma pintura, chamar a atenção de outras pessoas para aquilo que experimentaram e que estão empenhados em revelar. O intelectual reflete as ideias de outras pessoas, mas também as aperfeiçoa e esclarece. Por consequência, a história das ideias propriamente dita concentra-se, sobretudo, nos intelectuais, porque eles articulam melhor as ideias e as crenças que circulam na sociedade.

É exatamente isso que pretendo nessa pesquisa, que como já disse anteriormente ainda está em fase de desenvolvimento e conclusão, compreender a partir desse intelectual e sua “fase” nacionalista todo um processo histórico e a circulação de ideias. Seu reconhecimento é tardio, pode-se dizer que em 1949 quando *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul* são editadas juntas, em uma edição crítica da Livraria do Globo, somente nesse momento, em que as condições de possibilidade histórico-social estavam amadurecidas é que começa a se pensar de forma efetiva sobre esse grande escritor; obviamente alguns trabalhos já o tratavam antes, mas eram escassos, casos particulares. E, sobre seu enfoque nacionalista, ainda pouco ou nada trabalhado, é que essa pesquisa visa lançar um olhar atento, mudando, de certa forma a perspectiva de pensamento sobre esse autor tão importante e interessante, que está há muitos anos relegado ao plano do regional; o que não demonstra uma situação de inferioridade, mas que limita o olhar sobre ele.

Para não deixar de levar em conta a obra mais importante de João Simões Lopes Neto e, posterior a sua fase patriótica, podemos refletir aqui também, ainda que em pinceladas bem sintéticas, os *Contos Gauchescos* que aparentemente não possuem nada em comum com as conferências citadas acima, que são o foco principal da pesquisa, mas no fundo, as duas obras têm muito em comum.

Antes de começarmos, cabe salientar aqui o que se entende no Brasil por Regionalismo na literatura, segundo Fischer (*apud* LOPES NETO, 1998, p.11)

[...] No Brasil, regionalismo é tudo o que diz respeito às regiões não centrais do país, e/ou ao ambiente rural. Os centros foram Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo [...] Em cada um desses centros, especialmente a partir da Independência, foi-se constituindo um vasto patrimônio cultural em torno do tema da identidade nacional, primeiro no Romantismo, cujo epicentro foi o Rio de Janeiro, depois o modernismo, cujo epicentro foi (e é, ainda) São Paulo. Em qualquer dos momentos, de 1830 até hoje, a ideia de regionalismo segue na mesma monótona batida: aquilo que representa os interesses diretos da organização ideológica da identidade vista a partir do centro é "abençoado" como "nacional"[...] e aquilo que representa dimensões que não contribuem diretamente para a demarcação nacional (vista pela ótica do centro) vira regional.

Contos Gauchescos é o segundo livro³ de João Simões Lopes Neto publicado em 1912 pela Echenique & Cia. Editores de Pelotas⁴, nele a personagem principal e narrador é Blau Nunes, o vaqueano⁵. Ele conta episódios que participou, fazendo uma espécie de autobiografia. No meio destes episódios podemos perceber o período de formação da sociedade sul-rio-grandense cuja história nos é oferecida indiretamente (CHAVES, 1988, p.62). As narrativas feitas por Blau são resultantes de sua memória, são lembranças de suas vivências, de pessoas, lugares e situações, dotando essa obra de João Simões de uma linguagem única.

³ O primeiro livro de João Simões Lopes Neto intitula-se *Cancioneiro Guasca* e é de 1910, também publicado pela Livraria Universal de Echenique & Cia. Editores, de Pelotas.

⁴ A Livraria Universal de Pelotas foi fundada em 1887, por Guilherme Echenique, segundo Reverbel (1981, p.223-224) era uma empresa de grande porte para sua época; importava em larga escala dos maiores centros europeus livros, papéis e material de escritórios. Foi a principal editora do Estado durante no mínimo duas décadas; lançou diversos autores gaúchos, implantando uma indústria do livro em uma cidade do interior do Estado. Destacava-se pela produção editorial, praticada com regularidade, descortino e preocupação nativista.

⁵ Vaqueano: Uma espécie de guia; aquele que conhece o caminho.

O autor começa o livro apresentando Blau Nunes, dá à ele a palavra, deixa que ele fale por si, depois a retoma a palavra e complementa que ele é um senhor de oitenta e oito anos, muito sadio e lúcido e pede que o leitor o ouça. Essa atitude do autor já no início do livro quer passar um atestado de ancestralidade à Blau, aquela ideia de um idoso que conta sobre o seu tempo, que hoje é passado, um passado comum aos que o ouvem. Fischer (1998, p.17) nos diz que tendo a idade que o texto lhe atribuiu,

[...] ele teria nascido por volta de 1820 e vivido até os primeiros dez anos do século 20. Isso o posiciona num percurso histórico de particular relevância a respeito do sul do país: teria ele, assim, visto ao vivo os primeiros anos da Independência, a Guerra da Cisplatina (1825-28), a Guerra dos Farrapos (1835-45), as turbulências das guerras de Rosas e Oribe (1851-2), a Guerra do Paraguai (1865-70) e ainda vários movimentos políticos e militares da instauração da República (1889), os quais, no Rio Grande do Sul, levaram a uma guerra civil conhecida como Revolução de 93 (1893-5).

Parte da apresentação de Blau Nunes é a mesma apresentação de João Simões Lopes Neto na Conferência de 1906, em ambas podemos ler:

Eu tenho cruzado o nosso estado em caprichoso ziguezague. já senti a ardentia das areaias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da Lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da Coxilha Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai, tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí; plamilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza da Santa Tecla, pousei em S. Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupanciretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus... [...] (LOPES NETO, 1998, p.33)

O que demonstra, já no texto explícito, que ambas têm muito em comum. O mesmo discurso em ambas as obras, mesmo que ambas tenham finalidades bem diferentes.

Podemos perceber, dando prosseguimento a leitura dos contos, que Blau Nunes acompanhou os momentos decisivos da história do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, assim como Alencar que foi buscar no índio a "gênese" do "brasileiro", Simões Lopes Neto foi buscar no gaúcho, naquele tipo social que acompanhou a formação do Estado, que defendeu

as fronteiras, fronteiras essas brasileiras acima de tudo, o processo fundador de nossa história como gaúchos e como brasileiros, o que já traz um tom nacionalista à obra. Schlee (2010, p.12) diz que Blau Nunes é a criação máxima de João Simões, pois se sobrepõe à figura idealizada com que fora concebido e, como narrador, problematiza a realidade narrada e a transforma, como “símbolo de um mundo em crise”. Ainda para Schlee (2010, p.12), Blau Nunes é o primeiro gaúcho de verdade da literatura brasileira. Havia mais gaúchos de verdade, mas estes encontravam-se na literatura do Prata.

Blau, sem ter sido bandido, também não foi herói. Não foi o “centauro dos Pampas”, o herói da idealização romântica que a Cisplatina, a Revolução Farroupilha e até a Guerra do Paraguai proporcionaram a autores brasileiros da época. Na figura de peão-soldado – carregador de peçuelos, furriel de Bento Gonçalves e chasque do Imperador – ele esteve sempre à margem e em posição subalterna, quando muito como testemunha privilegiada (ou não guardava as conversas dos grandes, ou graúdos não lhe davam confiança de explicar as coisas, ou tinha que ficar sem ouvir o que conversavam). Blau, portanto, foi apenas gente; não foi bandido nem herói: foi apenas gaúcho de verdade. E, como gaúcho de verdade, personagem e narrador, revela-se – ante uma realidade subjacente e um mundo em transformação em que se opõem o explícito, o velho e o novo – na busca do exato sentido da vida. (SCHLEE, 2010, p.13)

Dessa maneira, levando em conta o que nos diz Chaves e Schlee, podemos perceber que Blau Nunes é uma personagem que representa o gaúcho comum, o peão de estância, que se encontra à margem das grandes decisões. É possível notar a sua consciência possível, em relação a tudo isso, por exemplo, no conto *Duelo de Farrapos*:

A gente como eu é bicho bruto e os graúdos não dão confiança de explicar as cousas, por isso é que eu não sei muitas delas: tenência não me faltava; mas como é que eu ia saber as de adentro dos segredos? ... (LOPES NETO, 1961, p.222)

Neste conto, o autor traça uma cronologia minuciosa da República dos Farrapos, no período de 1842 a 1844. Assim a História nos é oferecida indiretamente pois tal conto se apresenta como uma crônica de um período datado. Chaves (1982, p.123) nos diz que sendo assim, o histórico aparece inserido em um livro de ficção, pois é uma crônica da Revolução Farroupilha, que se cria através da rememoração de um dos seus episódios mais importantes. Compreende-se, então, que Blau Nunes, um personagem de ficção, é como parte integrante

dessa realidade acontecida e reavalia a situação, pelo seu relato, em dimensão pessoal, transformando a dimensão real em ficção. Na dimensão pessoal de Blau Nunes ele fala das muitas batalhas que travaram os farrapos e os imperiais mas, em nenhum momento faz um relato separatista da situação ou "levanta bandeiras" a esse favor.

No conto *Chasque do Imperador*, onde Blau conta sobre a vinda de Dom Pedro II para o Rio Grande do Sul por motivo da Guerra do Paraguai em 1865, conflito entre a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) e o Paraguai, ele conta que por essa época, era voluntário do exército brasileiro, mas já havia sido chasque⁶ e furriel na Revolução Farroupilha 1835-45, onde conheceu o Duque de Caxias, o qual estava sobre o comando das tropas imperiais naquela revolução e nessa guerra. Na primeira parte do conto, ele narra como foi escolhido para ser chasque do Imperador e, ele também fala muito sobre este e sobre Caxias. Aqui podemos notar mais um pouco do nacionalismo na obra, Blau era voluntário do exército brasileiro e estava defendendo a pátria dos inimigos paraguaios. E mesmo, em tempos anteriores Duque de Caxias estando em linhas inimigas, como na Revolução Farroupilha, o autor destaca as várias qualidades que este tinha, inclusive o de não ter deixado um homem, um farrapo, ser fuzilado pelos caramurus naquela revolução; a ideia implícita aqui é que apesar de estarem em lados distintos, eram todos brasileiros e, o autor destaca o importante papel de Caxias em trazer a paz, em unir os laços novamente entre os gaúchos, que tanto lutaram nas fronteiras pra defenderem o território nacional, e o restante da nação.

Apesar de parecer que João Simões Lopes Neto estava deslocado de uma cena literária ao criar Blau Nunes, isso não se concretiza. Pois Blau Nunes representa o gaúcho brasileiro, um tipo social, que na época em que ele escreve (1912) estava "à beira da extinção" com o início do processo de mecanização do campo, a existência de estradas de ferro que dispensavam as tropeadas, a presença dos frigoríficos no Rio Grande do Sul, enfim, o fim daquele tipo social dedicado exclusivamente aos trabalhos no campo. Ao fazer uma espécie de registro dos modos e costumes desse tipo social, o autor se debruça em demonstrar o seu gaúcho brasileiro, diferente do platino, o qual é retratado nos contos com indiferença. Seu objetivo, está dentro de uma linha de pensamento em que os regionalismos são formadores da nacionalidade, ou seja, o gaúcho é parte integrante dos vários tipos sociais que formam o "ser

⁶ Chasque: Mensageiro

brasileiro" e a nação brasileira. Podemos notar que os *Contos Gauchescos* são uma espécie de "registro" da "tradição gaúcha", de modos e costumes de um determinado tipo regional que é parte formadora da nação. E que, de certa forma, dá prosseguimento aos ideais patrióticos de João Simões Lopes Neto já expostos em suas conferências e no ideal de fazer um livro de leitura, mas sobre a perspectiva dos regionalismos que também são parte da nacionalidade.

Considerações Finais

Portanto, tomando como base nossas colocações até aqui, podemos notar que a Literatura, com Alencar, por exemplo, criou uma base para que se imaginasse a nação e, ao refletirmos sobre a nossa região, notamos que Simões Lopes Neto igualmente cria essa base para se imaginar uma comunidade num sentido regional, mas sempre inserida num "universo" nacional. Tomando como base a teoria de Anderson (2008) notamos que a literatura tanto de Alencar como de Simões Lopes Neto é um produto cultural que dá base para que se imagine uma comunidade. Que traz, como diria Renan (2011) as muitas coisas que essas pessoas, essa comunidade, tem em comum e, também omite, talvez naquele processo de ser preciso esquecer, outras. Assim, o gaúcho de João Simões Lopes Neto é brasileiro acima de tudo, é mais um tipo social, como o cangaceiro, o carioca e etc., que formam o todo da nação.

Podemos também refletir sobre o conceito de "invenção das tradições" de Eric Hobsbawm (2012) que diz que:

Por "tradição inventada" entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (2012, p.12)

Hobsbawm (2012) acredita que essas "tradições inventadas" são reações às situações novas; é o contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno. Com isso podemos notar que João Simões Lopes Neto ao criar Blau Nunes e ao "registrar" todo um modo de vida do passado, cria também, de certa forma, uma reação aquele mundo que se instaurava e, onde o gaúcho, o homem do campo, não tinha mais lugar. E também, indo um

pouco mais adiante, no período de retomada dos regionalismos pós Estado Novo, a obra de nosso escritor será amplamente estudada e retomada como base para o pensamento do "cerne" do que viria a ser, alguns anos depois, o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) que, ainda hoje, movimenta muitas pessoas no Rio Grande do Sul, no Brasil e, por incrível que pareça, no mundo (tendo em vista que existem CTG's até mesmo no Japão). E é nesse momento que inicia-se a busca de elementos antigos para elaborar novas tradições inventadas, que por meio da repetição, que é uma característica dessas tradições, fixam essas práticas e mantém uma continuidade em relação ao passado. Um exemplo disso são as danças tradicionais gaúchas exibidas todos os anos por vários grupos tradicionalistas no ENART (Encontro de Artes e Tradição Gaúcha); essas danças foram registradas com base em pesquisas de campo e literárias em um manual no período de formulação desse movimento, sem mudanças ou contestações são seguidas até hoje, perpetuando essa prática de imitar um baile ou fandango. São os velhos modelos servindo para novos fins, o que antes era um costume hoje foi transformado em uma tradição. Ainda no contexto de invenção das tradições, podemos pensar a própria literatura de João Simões Lopes Neto como uma (re)invenção das tradições, como sugere a carta de Coelho Neto que demonstra que havia uma busca pelas coisas do passado naquele determinado período histórico, o que igualmente aconteceu, com a retomada do regionalismo em meados da década de 1940. Julgo importante pensarmos sobre isso, pois conforme alerta Hobsbawm (2012) as tradições inventadas são sintomas importantes e indicadores de problemas que de outras formas não poderíamos notar e nem localizá-los no tempo. Ele ainda diz que o estudo dessas tradições não pode ser separado do contexto mais amplo de história e sociedade e só haverá descobertas se estiver integrado a um estudo mais amplo.

Com isso, concluímos que pensar a nação ainda é fundamental e, ela pode e deve ser refletida de acordo com as teorias e conceitos que melhor as "traduzirem" e, pensamos ainda, que a literatura como um produto cultural deve ser levado em conta no processo de imaginar a nação; pois, tanto a literatura, quanto o regionalismo e o nacionalismo ainda movimentam e dão sentido para a vida de muitas pessoas e, muitas vezes estão no centro das discussões. E a História como uma das chamadas Ciências Humanas deve refletir sobre como regionalismos e nacionalismos foram pensados e criados e, até mesmo imaginados e por que e como eles ainda movimentam tanta gente seja no extremo sul do Brasil, seja do outro lado do mundo.

Mas sempre com a lucidez de que o que se entende por nação está sempre em transformação e que, nossas ideias são datadas e estão dentro de toda uma corrente de pensamento de época, também devemos ter a lucidez de que não criamos "verdades" e que nossas dissertações e teses serão, algum dia, possivelmente, contestadas e, é isso que faz com que a História progrida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Benedict R. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHAVES, Flávio Loureiro. *História e literatura*. – Porto Alegre: Ed. Da universidade/UFRGS; MEC/SESu/PROED, 1988.

_____. *Simões Lopes Neto: Regionalismo & Literatura*. Porto Alegre. Mercado Aberto. 1982.

FISCHER, Luís Augusto. *Literatura Gaúcha*. – Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

GEARY, Patrick J. *O Mito das Nações. A Invenção do Nacionalismo*. Lisboa: Gradiva, 2008.

LOPES NETO, João Simões Lopes. *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*. Editora Globo. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo. 2ª edição. 4ª reimpressão. Coleção Província. 1961.

_____. *Contos Gauchescos*. Edição de Luís Augusto Fischer – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.

HOBBSAWM, Eric J.; RANGER, Terence O. *A Invenção das Tradições*. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Saraiva de Bolso)

MASSOT, Ivete Simões Lopes Barcelos. *Simões Lopes Neto na intimidade*. – Porto Alegre: BELS, 1974.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e Literatura: uma velha-nova história*. IN:

COSTA, Cléria Botelho da. MACHADO, Maria Clara Tomaz (org). *História e Literatura: Identidades e Fronteiras*. Edufu, Uberlândia, 2005.

_____. *História & História Cultural*. – 2.ed. 2.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINTO, Genivaldo Gonçalves. *A Província na Guerra do Paraguai*. IN: BOEIRA, Nelson.,

GOLIN, Tau (org). Coleção Geral do História Rio Grande do Sul - Império II. Passo Fundo: Méritos, 2006. vol.2.

RENAN, Ernest. "O que é uma nação" (Conferência realizada na Sorbonne, em 11 de março de 1882). In: CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da (org). *Escrever a nação: Literatura e nacionalidade (uma antologia)*. Guimarães: Opnia Omnia, 2001, pp. 29-44.

REVERBEL, Carlos. Um Capitão da Guarda Nacional, vida e obra de J. Simões Lopes Neto. – Universidade de Caxias do Sul, Martins Livreiro, 1981.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Lembrança de João Simões Lopes Neto*. – Pelotas, RS, 2010.

SOUZA, Carla Renata Antunes de. *De rio-Grandense a gaúcho: o triunfo do avesso: um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1977)*. Porto Alegre, 2006. Dissertação – Mestrado